

# A SOMBRA DOS SUBMERSOS

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i31p73-97>

Anna Basevi<sup>1</sup>

## RESUMO

A divisão entre submersos e salvos revela-se a divisão-chave da visão de mundo de Primo Levi. O “submerso interno” (Di Castro) presente em todo sobrevivente se desdobra no submerso como Doppelgänger, uma voz interna que impulsiona o testemunho e que no escritor encontra sua representação narrativa, oscilante entre a metáfora da ameaça de uma sombra persecutória (presente na produção poética) e a personagem do amigo-duplo Alberto, companheiro desaparecido.

A urgência do testemunho se desdobra na questão de como representar os submersos, os únicos que desceram até o fundo e poderiam devolver um testemunho realmente integral. Contudo, o escritor encontra uma “palavra sobrevivente” (Derrida) para aprofundar as facetas da vergonha, interrogar os fantasmas da culpa e delinear a “zona cinzenta”. Diante desta ferida insanável, Levi recusa a ideia de um privilégio merecido, nem precisa do conforto de uma providência divina: vários fatores contribuíram à sua salvação, mas as forças que operam são o acaso e a sorte. Já que a Fortuna, como salienta Robert Gordon, é uma força mítica que nossa cultura sempre utilizou para lidar com a realidade incompreensível e incontrolável, no caso do sobrevivente ela preenche a ausência angustiante de explicações; em Levi torna-se ponto de apoio para compor a representação literária dos eventos.

A sobrevivência é, portanto, da ordem do “estranho”. Origem, evolução, adaptação, seleção natural, embate entre ordem e caos confluem no conto “Carbono” e demonstram que afinal o polo de maior atração de toda sua produção é o quesito: quem sobrevive e por quê?

## ABSTRACT

*The division between the drowned and the saved is the key division of Primo Levi's worldview. The “internal submerged” (Di Castro) present in every survivor unfolds in the submerged as Doppelgänger, an internal voice oscillating between the metaphor of a persecutory shadow (present in his poetry) and the representation of his brotherly friend Alberto.*

*The urgency of the testimony is faced with the question of how to represent the drowned, the only ones who could return a truly comprehensive testimony. However, the writer finds a “surviving word” (Derrida) to probe the facets of shame, interrogate the ghosts of guilt and outline the “grey zone”.*

*Despite this insurmountable wound, Levi refuses the idea of a deserved privilege, nor does he need the comfort of divine providence: several factors contributed to his salvation, but the forces at work are chance and luck. Since Fortuna, as Robert Gordon points out, is a mythical force that our culture has always used to deal with the incomprehensible and uncontrollable reality, in the case of the survivor it fills the distressing absence of explanations; in Levi it becomes a support point to combat the feeling of guilt and to compose the literary representation of events.*

*Survival is, therefore, something “strange”. Origin, evolution, adaptation, natural selection, clash between order and chaos converge in the short story “Carbono” and demonstrate that, after all, the pole of greatest attraction of all his production is the question: who survives and why?*

## PALAVRAS-CHAVE:

literatura;  
Primo Levi;  
salvos;  
submersos;  
testemunho.

## KEYWORDS

literature;  
Primo Levi;  
saved;  
drowned;  
witness.

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Di nova pena mi conven far versi  
e dar matera al ventesimo canto  
de la prima canzon ch'è d'i sommersi.

(DANTE, *Inf XX*, v. 1-3)

## S ubmersos<sup>1</sup> e salvos

O primeiro título para *É isto um homem? (Se questo è un uomo, 1947/1958)*<sup>2</sup> seria, no desejo do autor, *Os submersos e os salvos (I sommersi e i salvati)* como seu capítulo homônimo (9º capítulo entre 17, na segunda edição)<sup>3</sup> e como o título de sua última obra de 1986.<sup>4</sup> As categorias de “afogados” / “submersos” e “sobreviventes” / “salvos” reformulam as classificações humanas, desvinculando-as das tipologias observadas no mundo normal.

Há um fato que nos parece notável. Resulta claro que entre os homens existem duas categorias, particularmente bem definidas: a dos que se salvam e a dos que afundam. Outros pares de contrários (os bons e os maus, os sábios e os tolos, os covardes e os valentes, os azarados e os afortunados) são bem menos definidos, parecem menos congênitos e, principalmente, admitem gradações intermediárias mais numerosas e complexas. (LEVI, 1988, p. 89)

A partir da atenção dada ao comportamento humano na “vida ambígua”<sup>5</sup> do contexto concentracionário, a distinção entre aqueles que se salvam e os que submergem permeia o pensamento do escritor até tomar forma mais precisa quarenta anos depois, quando o ensaio de 1986 encerra o ciclo da escrita, um ano antes da sua morte. A necessidade de voltar ao tema do *Lager*, alimentada pela exigência de contrastar o revisionismo histórico e o negacionismo crescentes, visa reafirmar a dimensão do

<sup>1</sup> *Sommersi*, “submersos” faz parte do léxico e da intensa intertextualidade com o “Inferno” de Dante.

<sup>2</sup> Hoje lemos a segunda edição de 1958 que apresenta alguns acréscimos em relação à primeira.

<sup>3</sup> Com o acréscimo do capítulo “Iniciação” em 1958, “Os submersos e salvos” torna-se matematicamente central. *A trégua* (1963) também possui 17 capítulos, dos quais o capítulo central é o ápice do percurso geográfico desviado para o norte e contém o encontro com a vergonha e com uma humanidade humilhada.

<sup>4</sup> Nas edições brasileiras, enquanto no capítulo de *É isto um homem?* a tradução de “I sommersi e i salvati” é “Os submersos e os salvos”, para o título do ensaio de 1986 foi escolhido *Os afogados e os sobreviventes*.

<sup>5</sup> O capítulo “Os submersos e os salvos” abre-se com esta definição (1988, p. 88).

extermínio nazista como um *unicum* (embora humano) na história, e sua posição central no século XX.

A bipartição – salvos e submersos – abarca duas grandes temáticas que ocuparão o autor ao longo de toda sua vida: quem sobrevive e a tarefa testemunhal. Apesar do “paradoxo de Levi”<sup>6</sup> (AGAMBEN, 2008, p. 151), a necessidade do testemunho desdobra-se na questão de como representar os submersos: “Se os submersos não têm história, se o caminho da perdição é único e largo, os caminhos da salvação são muitos, difíceis e inimagináveis” (LEVI, 1988, p. 91). A escrita do autor representa uma resposta possível. Inúmeros submersos tomam forma, ganham traços específicos, geografias, gestos, pequenos acenos do caráter como Emília (*É isto um homem?*), Hurbinek (*A trégua*), ou ainda Chajim em *Os afogados e os sobreviventes*:

Morreu Chajim, relojheiro de Cracóvia, judeu piedoso, que a despeito das dificuldades de linguagem se esforçara por me entender e por se fazer entender, explicando a mim, estrangeiro, as regras essenciais de sobrevivência nos primeiros dias cruciais de encarceramento. (2004a, p. 72)

E a lista segue com anáforas a marcar o canto fúnebre: “morreu Szabó, o taciturno camponês húngaro [...] e Robert, professor na Sorbonne”, “morreu Baruch, estivador do porto de Livorno”, e para cada um, poucas linhas iluminam qualidades e atos específicos sintetizados com a habilidade peculiar do escritor, consignando à literatura a homenagem memorial aos submersos, os que “não têm história” (1988, p. 91). Levi sente-se devedor perante estes homens, possuidores de um valor que lhe parece não alcançar: a generosidade e o conhecimento das regras, a força e a coragem, a memória prodigiosa e a capacidade do professor que “em caso vivesse, teria respondido aos porquês a que eu não sei responder” (2004a, p. 72). Portanto, todos eles morreram “não malgrado seu valor, mas por causa de seu valor” (*Idem, ib.*). Nesta declaração enxergamos a brecha por onde a culpa infiltrou-se e instalou-se ao longo de quatro décadas, desde a correspondente reflexão de *É isto um homem* que lançava uma sombra sobre a ética dos sobreviventes: se “os melhores” sucumbiram, quem sobreviveu deve ter acionado estratégias dúbias do ponto de vista moral.

A chance de sobreviver pode residir, todavia, numa capacidade de adaptação, uma “estranha calosidade”, diz Levi, e acrescenta:

À distância de trinta anos, é-me difícil reconstruir o tipo de exemplar humano que em novembro de 1944 correspondia a

---

<sup>6</sup> Agamben identifica o paradoxo na condição do escritor, o qual sente a urgência de contar embora afirme que as verdadeiras testemunhas são aqueles que sucumbiram, únicos capazes de devolver o testemunho integral do extermínio.

meu nome, ou melhor, a meu número 174517. Devia ter superado a crise mais dura, aquela da inserção na ordem do *Lager*, e devia ter desenvolvido uma estranha couraça, uma vez que então conseguia não só sobreviver mas também pensar, registrar o mundo a meu redor e até realizar um trabalho bastante delicado num ambiente infeccionado pela presença cotidiana da morte. (1994, p. 139)

Ao caracterizar a sobrevivência, o adjetivo “estranho” evita tanto a ideia transcendente de um “milagre” quanto o anseio de uma explicação satisfatória e lógica sobre um destino favorável. Não seria coerente para uma mente laica invocar uma forma qualquer de justiça transcendente, e Levi recusa veementemente a hipótese consolatória de um amigo religioso convencido de que sua sobrevivência foi concedida para a finalidade de testemunhar: “A ideia de que este meu testemunhar tenha por si só garantido o privilégio de sobreviver e de viver por muitos anos sem maiores problemas, me inquieta porque não vejo proporção entre o privilégio e o resultado” (2007, p. 64, trad. nossa).<sup>7</sup> Segue, após estas linhas, como para diminuir sua própria importância de testemunha, a conhecida consideração sobre as testemunhas integrais, as “verdadeiras”, as que viram a Górgona e não voltaram (2004a, p.72).<sup>8</sup> Contudo, o sobrevivente apropria-se de um “poder” de vida para garantir uma cidadania testemunhal aos submersos: a literatura. O ato narrativo preenche o vácuo de testemunha integral respondendo à tarefa de evitar o esquecimento. Segundo o escritor, trata-se de um pedido de “um grande número de figuras humanas em destaque naquele pano de fundo trágico: de amigos, companheiros de viagem, até adversários, os quais, por sua vez, pediam-me para sobreviver, para usufruir da ambígua perenidade das personagens literárias” (1997b, v. 2, p. 1315, trad. nossa).<sup>9</sup> Levi, em seu duplo papel de escritor e testemunha, explicitou seu desejo de ver suas obras lidas como obras coletivas, “como uma voz que representasse outras

<sup>7</sup> “Il pensiero che questo mio testimoniare abbia potuto fruttarmi da solo il privilegio di sopravvivere, e di vivere per molti anni senza grossi problemi, mi inquieta, perché non vedo proporzione fra il privilegio e il risultato” (2007, p.64). A tradução brasileira parece inverter o conteúdo da primeira importante frase: “A ideia de que o privilégio de sobreviver aos outros e de viver por muitos anos sem maiores problemas tenha propiciado este meu testemunho, esta ideia me inquieta, porque não vejo proporção entre o privilégio e o resultado” (2004a, p. 72). Pois a sobrevivência “propiciou” de fato o testemunho, mas não é isso que Levi recusa, e sim a ideia de que ele sobreviveu *para* testemunhar, isto é que o “destino” de testemunhar favoreceu sua sobrevivência.

<sup>8</sup> “não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. Esta é uma noção incômoda, da qual tomei consciência pouco a pouco, lendo as memórias dos outros e relendo as minhas muitos anos depois. Nós sobreviventes somos uma minoria anômala além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a Górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria um significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção”.

<sup>9</sup> Evidentemente, como confirmado posteriormente pelo escritor, a intenção de escrever existia já no Campo.

vozes” (1997b, p. 1351). Afirmando que nem ao adversário nega-se a vida literária, Levi parece inverter o conceito bélico e totalitário de destruição do inimigo.

### A zona cinzenta

Levi nos alerta de que a “*via maestra*” para resistir no Campo é o pertencimento à esfera dos *Prominenten*, os prisioneiros de um grau superior na hierarquia, investidos de pequenos privilégios e maiores garantias de nutrição e resguardo de trabalhos pesados. Entre eles estão os numerosos *Kapó*, em grande parte criminosos comuns, alguns prisioneiros políticos e até uns judeus (notadamente a categoria com menos chances e, por isso, numa posição tão vulnerável quanto ambivalente). A fronteira entre um normal *Häftling* e os *Prominenten* é a fronteira entre inimigos:

Até aquele dia, o velho Thylle fora um estranho para mim e, portanto, um inimigo; além disso, alguém do poder, e, portanto, um inimigo perigoso. Para as pessoas como eu, vale dizer, para a generalidade do Lager, outras nuances não havia: durante todo o longuíssimo ano transcorrido no Lager, eu jamais tivera a curiosidade ou a oportunidade de indagar a respeito das complexas estruturas da hierarquia do campo. O tenebroso edifício de potências terríveis continuava totalmente acima de nós, e o nosso olhar se dirigia para o solo. Entretanto, foi esse mesmo Thylle, velho militar endurecido por cem lutas pelo seu partido, e dentro de seu partido, e petrificado pelos dez anos de vida feroz e ambígua no Lager, o companheiro e o confidente de minha primeira noite de liberdade. (2010, p. 12)

A metamorfose de Thylle de estranho-inimigo-perigoso-Kapo em companheiro-confidente-prisioneiro político-veterano não se dá num ato simples, mas deve atravessar um processo de mistura de elementos e sentimentos embaralhados, além dos obstáculos comunicativos entre estrangeiros:

Não era fácil compreendê-lo; não apenas por razões de linguagem, mas também porque os pensamentos que habitavam o meu peito naquela noite longa eram desmedidos, maravilhosos e terríveis, mas sobretudo confusos. Disse-lhe estar sofrendo de saudade; e ele, que deixara de chorar, “dez anos”, me disse, “dez anos”: e após dez anos de silêncio, com um fio de voz estridente, grotesco e solene a um só tempo, começou a cantar a *Internacional*, deixando-me atônito, desconfiado e comovido. (2010, p. 13-4; grifos nossos)

O estilo pessoal, que procede por oximoros face à complexidade das coisas, faz uma amostra densa de três notáveis tríades de adjetivos, denotando a necessidade de diferenciar as emoções; uma tentativa para

entendê-las à luz de suas ambivalências e estratificações, sem banalizá-las. A inquietude do escritor busca permanentemente uma justificativa à sua sobrevivência já que ele mesmo declara: “De certo me sentia inocente, mas, arrolado entre os sobreviventes, buscava permanentemente uma justificação diante dos meus olhos e dos de outros. Sobreviviam de preferência os piores, isto é, os mais adaptados; os outros, todos, morreram” (2004a, p. 71). O anão Elias, forte e hábil para mil tarefas, é exemplar de “salvo” por causa da demência e da bestialidade que o protegem do ambiente:

Poderíamos nos perguntar: quem é esse homem? Um louco, incompreensível e extra-humano, que veio parar no Campo? Ou algo atávico, fora do nosso mundo atual, e mais apto às primordiais condições de vida no Campo? Ou, pelo contrário, um produto do Campo: o que todos nós acabaremos sendo, se não morrermos aqui, se o Campo não acabar antes de nós? (1988, p. 98, grifo nosso)<sup>10</sup>

Características articuladas como estas, para dar conta de uma complexidade delicada, e, portanto, organizadas em grupos de três adjetivos (ou expressões qualificadoras), descrevem também Henri, cujo “fundo humano, doloroso, consciente da sua personalidade fora do comum” convive com outras: “duro e distante, fechado em sua carapaça, inimigo de todos, desumanamente astucioso e incompreensível como a Serpente da Gênese” (1988, p. 101, grifo nosso).

Delineia-se em volta dos ambivalentes exemplares de sobreviventes o primeiro núcleo embrionário do que virá a ser a “zona cinzenta” (*zona grigia*), aquele conjunto de prisioneiros inseridos numa hierarquia que lhe concede “privilégios” (mais comida, menos frio) e frequentemente graus diversos de poder sobre os outros (para o bem ou para o mal). Um conceito delicado e acompanhado pela alerta a não simplificar a complexidade humana em situações extremas, na pressa de dar sentenças morais. Em *Os afogados e os sobreviventes*, os prisioneiros da zona cinzenta são descritos como “classe híbrida dos prisioneiros-funcionários”, “um inimigo novo e estranho, o prisioneiro-funcionário, que, ao invés de lhe pegar a mão, tranquilizá-lo, ensinar-lhe o caminho, se arroja sobre você gritando numa língua desconhecida e lhe golpeia o rosto” (2004a, p. 35).

Levi analisa com lucidez a questão dos *Kapos* e dos *Prominenten*, aquele espaço intermediário de prisioneiros (em maioria, criminosos comuns) usados pelas SS para o controle dos *Häftlinge* (prisioneiros), na criação de uma hierarquia organizada onde, na última escala, os deportados judeus são destinados ao extermínio direto ou indireto. A zona cinzenta, todavia, atinge uma complexidade maior quando envolve os raros *Prominenten* judeus, um “triste e notável fenômeno humano” que

<sup>10</sup> Apresentamos a tradução brasileira, apesar dos pontos de interrogação inexistentes no original.

resulta ser “um típico produto da estrutura do Campo de Concentração alemão” (LEVI, 1988, p. 92). De acordo com Federico Pellizzi (2009, p.209) a ideia de zona cinzenta remete a um modo de raciocinar de Levi que, a despeito das aparências, não se dá por simples oposições e equivalências, mas se move através de campos de forças próximos à física e em termos de conjuntos e interseções. Portanto, vítimas e carrascos se opõem sem possibilidade de permutação, mas se cruza entre os dois, a mais complexa zona cinzenta. É preciso lembrar que mesmo nesta área intermediária, reflexo do estado totalitário, o discurso da responsabilidade é escorregadio e diversificado e o escritor procede com muita cautela, convidando o leitor a nunca se apressar a emitir sentenças. Ainda pede para que se suspenda o julgamento para a condição-limite dos membros do *Sonderkommando*, prisioneiros judeus obrigados a levar os companheiros às câmaras de gás e a manejar em seguida seus corpos sem vida destinados aos fornos crematórios. Eles próprios eram fadados ao extermínio. Para o caso deles a *impotentia iudicandi* – a impossibilidade de emitir um veredito moral – torna-se um imperativo ético (2004a, p. 31-59 passim). Mas há outra categoria de mais difícil análise: os responsáveis e porta-vozes dos guetos judaicos, obrigatoriamente instituídos pelos nazistas. No processo contra Eichmann, Arendt (2009, p. 127) se deparou com a questão do envolvimento dos conselhos hebraicos na máquina da deportação e com a história de Chaim Rumkowski, presidente do gueto de Lódź, do qual Levi refina o retrato (tanto no conto “O rei dos Judeus” que em *Os afogados e os sobreviventes*), com o intuito de escavar tipologias humanas vulneráveis ao prestígio e à autoridade. Estes representantes, de qualquer forma, não escapariam ao destino de todos os habitantes do gueto. O escritor descreve a função dessa personagem como “uma surpreendente mistura de sonho megalomaniaco, vitalidade bárbara e real capacidade diplomática e organizativa” (2005b, p. 395), e se mantém entre a dor diante da fragilidade humana e a percepção de que, em condições de tensões extremadas, todas as ambivalências e a arrogância do homem moderno podem ser utilizadas por um regime de terror.

### Sorte e acaso<sup>11</sup>

Um judeu de *Se não agora, quando?* expõe sua história de sobrevivência graças à seleção para a atividade de fabricação de notas

---

<sup>11</sup> Depois do fator “tempo” e a data “tardia” de deportação (1944), Levi atribui grande parte de sua sobrevivência à ajuda generosa do pedreiro Lorenzo. Em outra ocasião o autor explica que se tivesse enfrentado mais um inverno trabalhando ao ar livre não teria sobrevivido, e a posterior seleção para o laboratório de química constituiu, de fato, mais um evento providencial. A última intervenção da sorte se deu no final, quando ele adoeceu no tempo certo (os alemães estavam prestes a abandonar o Campo junto aos prisioneiros que podiam caminhar e que em maioria morreram) e da doença certa (uma escarlatina não mortal). Todavia o que foi uma “sorte” para ele foi um azar para o amigo Alberto.

falsas, requerida pelos SS do Campo. O narrador atribui a ele a consideração sobre o paradoxo: “O mundo é estranho, [...] um judeu morre, mas um judeu falsário se salva” (1999, p. 134).

Sobreviver é, portanto, da ordem do *estranho* e encarna diversas fisionomias. Na busca de uma explicação lógica, não é sempre possível reconstruir todo o trajeto de alguns sobreviventes encontrados dentro e fora de Auschwitz. É o caso do Senhor Unverborden, em *A trégua*, um “suave, velho e desconfiado homenzinho de Trieste” (2010, p. 100), que exigia ser tratado com formalidade e que “passara uma longa e aventureira existência dupla”. Sobre ele, Levi afirma que “sobrevivera inexplicavelmente ao Lager de Birkenau” (*Idem, ib.*). Dúvidas surgem também em torno do astucioso e hábil médico encontrado em Katowice e que cuidou do Levi recém-saído do Campo. “Que fantásticas artimanhas” deve ter utilizado, se pergunta o escritor, para permanecer vivo mesmo com um braço anquilosado e se transformar em pouco tempo no melhor médico da cidade, em pessoa abastada: “tudo que dizia respeito ao dr. Gottlieb era envolto numa densa nuvem de mistério. Falava perfeitamente italiano, como também alemão, polonês, húngaro e russo. [...] Tampouco era fácil entender como conseguira sobreviver a Auschwitz” (*Idem, p. 93*).

Igualmente, no conto “Capaneo” encontramos Rappoport, outra personagem ambígua em sua extrema vitalidade quase irritante para um Levi esvaziado e à mercê de um cansaço “irrevocável”. A distância de tempo o escritor retoma na memória um breve retrato de um submerso e suas palavras:

“Vocês vão dormir? Eu estou para fazer meu testamento e vocês dormem? Talvez minha bomba já esteja a caminho, e não quero perder a ocasião. Se estivesse livre, gostaria de escrever um livro sobre a minha filosofia: por enquanto, só posso contá-la a vocês, miseráveis. Se lhe servir, tanto melhor; se não, e se vocês se salvarem e eu não, o que seria estranho, poderão repeti-la por aí, e talvez alguém se interesse por ela”. (LEVI, 2005b, p. 339)

Mas quem sobreviveu foi Levi, um dos “miseráveis” e enfraquecidos ouvintes ao qual era dirigido o discurso, e, aos olhos do escritor, o fato permanece motivo de estranhamento por não aderir a leis “darwinianas”. Assim como paradoxal é a inversão de papéis entre o prisioneiro do cárcere italiano e o oficial fascista de então, em um episódio narrado em *A tabela periódica*, relativo ao aprisionamento anterior à deportação:

Levaram-nos ao quartel, que ficava na periferia de Aosta. O comandante se chamava Fossa, e é estranho, absurdo e sinistramente cômico, dada a situação de então, que ele esteja enterrado há decênios, em algum perdido cemitério de guerra e eu esteja aqui, vivo e substancialmente ileso, a escrever esta história. (1994, p. 131)



Aqui, uma leve tensão oximórica reside na junção do advérbio *sinistramente* e do adjetivo *cômico*, mas o efeito de maior impacto provém da “comicidade” atribuída à sobrevivência, que nos remete à ironia e à intervenção do acaso e da sorte.

Afinal:

Muitíssimos foram os meios que imaginamos para não morrer: tantos quantos são os temperamentos humanos. Cada um implicava uma luta extenuante de cada um contra todos, e muitos deles uma longa série de aberrações e compromissos. A não ter grandes golpes de sorte, era praticamente impossível sobreviver sem renunciar a nada de seu próprio mundo moral; isso foi concedido a uns poucos seres superiores, da fibra dos mártires e dos santos. (1988, p. 93-4, grifo nosso)

Todavia, não pertencendo à confraria dos santos, nem à categoria daqueles salvos pelas “aberrações” cometidas, Levi identifica o papel fundamental da boa sorte, aqui quase personificada (“*potenti e diretti interventi della fortuna*”)<sup>12</sup> embora a tradução elimine esta nuance. Num mundo onde se morria “por um sim ou por um não” (1988, p. 9), o valor da boa sorte é assim ampliado por conter também uma absolvição fundamental. Explica-se por que na introdução as primeiras palavras da edição de 1958 são: “*Por minha sorte fui deportado para Auschwitz só em 1944*” (*Idem*, p. 7).

Quem fala de jogo estilístico na formulação do *incipit* de *É isto um homem?* é Robert Gordon (2010, p.51), sublinhando a ironia que rompe o tom grave e petrificador da ameaça bíblica dos anafóricos “*Considerate*” e “*meditate*” (“*Considerai*” e “*meditai*”) da poesia em epígrafe.<sup>13</sup> O relato do inverno de 1944 reforça a importância (para sobreviver) não apenas da sorte em si, mas da ideia de tê-la do seu próprio lado: “Sorte que hoje não há vento. É estranho: de alguma maneira, sempre se tem a impressão de ter sorte: de que alguma circunstância, ainda que insignificante, nos segure à beira do desespero, nos permita viver” (1988, p. 133).

O amplo repertório do *strano* (estranho, bizarro) é particularmente presente no romance *Se não agora, quando?*, narração da resistência judaica (uma sobrevivência “ativa”, por assim dizer). O léxico espelha as frequentes atitudes de surpresa dos protagonistas e a sobrevivência permanece o que há de mais estranho e nunca completamente explicável. O narrador mostra a resposta de um dos combatentes a um prefeito estupefato: “Talvez lhe pareçamos estranhos: deve saber que um judeu vivo é um judeu estranho” (1999, p. 185). O estranho opera também no

<sup>12</sup> Literalmente “poderosas e diretas intervenções da sorte”, mas no texto brasileiro é traduzido com a frase sublinhada na citação acima.

<sup>13</sup> “*Considerate se questo è un uomo/ Che lavora nel fango/ Che non conosce pace/ Che lotta per mezzo pane/ Che muore per un sì e per un no [...]*”. Na tradução brasileira: “*ensem bem*” (LEVI, 1988, p. 9).

relato de Francine, sobrevivente parisiense que traz notícias de Auschwitz aos combatentes escondidos nos bosques poloneses:

Em Auschwitz morrer era a regra, viver a exceção. Ela própria era uma exceção: justamente, todo judeu vivo era uma pessoa de sorte. Como sobrevivera?

“Não sei”, disse. Também Francine, como Schmulek, como Edek, quando falava de morte baixava a voz. “Não sei, encontrei uma francesa que era médica na enfermaria [...] Resisti, mas nem sei por quê; talvez porque amasse a vida mais que elas, ou porque acreditasse que a vida tinha um sentido. É estranho: era mais fácil acreditar nisso lá do que aqui” (*Idem*, p. 258-9).

As palavras da personagem refletem a experiência de sobrevivência de Levi, na qual se juntaram os diversos fatores: o encontro com Lorenzo,<sup>14</sup> a vontade de viver e contar, o acaso. Todavia, no conto “Pipetta da guerra”<sup>15</sup> a representação do imprevisto dá motivo ao escritor para forjar uma microfilosofia em torno da “influência das pequenas causas sobre o curso da história” (2005a, p. 844). Um episódio banal (o acaso) de troca de vidrarias de laboratório por alimento faz com que seu amigo Alberto seja poupado do contágio da escarlatina, adquirida através de uma sopa contaminada, enquanto Levi é internado na enfermaria. No dia da evacuação do Campo, portanto, Alberto encaminha-se, com os restantes prisioneiros, conduzidos pelos alemães em fuga numa das marchas da morte de onde não retornará.

Alberto tinha minha idade, meu caráter e minha profissão, e dormíamos no mesmo beliche. Nós nos parecíamos até um pouco; os companheiros estrangeiros e o Kapo consideravam supérfluo distinguir entre nós dois, e, ao chamar “Alberto!” ou “Primo!”, exigiam que aquele de nós que estivesse mais próximo respondesse. Éramos portanto, por assim dizer, intermutáveis, e qualquer um teria previsto um destino comum: ambos submersos. Justamente a esta altura, entrou em função a agulha da troca, a pequena causa com determinantes efeitos. Alberto tivera escarlatina quando criança, e era imune; eu não. [...] Ele veio se despedir e em seguida partiu na noite e na neve [...] Eu fui salvo, da maneira mais imprevista, pelo negócio dos bastões de vidro roubados, que me provocou uma doença providencial

<sup>14</sup> O ser humano por excelência em *É isto um homem?*, paradigma da generosidade gratuita, é Lorenzo, um humilde operário italiano, levado a Auschwitz através de uma firma que se encontrava na França quando os alemães a ocuparam e deslocaram todos os trabalhadores num setor mais “privilegiado” do Campo. A presença de Lorenzo no mesmo espaço de trabalho da Buna – a fábrica, parte da enorme e múltipla cidade de Auschwitz – garantiu a sobrevivência do escritor através do arriscado repasse de uma porção de sopa durante quatro meses a ele e ao amigo fraterno Alberto.

<sup>15</sup> “Pipetta” aqui é termo técnico de laboratório químico e indica tubinhos de vidro, chamados bastões, com gradações marcadas, utilizados para transferir com precisão quantidades de líquidos de um recipiente a outro.

logo quando, paradoxalmente, não poder andar representava a melhor sorte. (*Idem*, trad. nossa)

Parece se tratar do mecanicismo da casualidade. Além do conto mencionado, Levi retrata o amigo em *É isto um homem?*, e nos contos “Cerio” (*A tabela periódica*), “Ultimo Natale di guerra”, mas o encontramos também em *Os afogados e os sobreviventes*. O laço afetivo com este “alter ego”, “duplo”, quase irmão, amplificou evidentemente a inconformidade da perda e da incógnita de seu fim.

Ao ressaltar a formulação do acaso e da sorte em Levi, Gordon tenta verificar como a Shoá (mas, diríamos, a literatura de Primo Levi em primeiro lugar) instaura uma variante nova ou um deslocamento da noção milenar de Fortuna, terminando mais uma vez com um paradoxo: “Na nova mitologia da fortuna e da Shoá, boa e má sorte coincidem” (GORDON, 2010, p. 51). Se para Gordon a inquietação de Levi sobre quem sobreviveu, atrelado à questão da sorte e do azar, é tema substancial do testemunho, vislumbramos nesta preocupação o núcleo fundador e a questão primária da inteira produção do escritor, de sua filosofia pessoal. Já que a Fortuna, como reforça Gordon (*Idem*, p. 19), é uma força mítica que nossa cultura sempre utilizou para lidar com a realidade incompreensível e incontrolável, no caso do sobrevivente ela assume um papel fundamental para preencher a ausência angustiante de explicações; em Levi torna-se ponto de apoio para combater o sentimento de culpa e para compor a representação literária dos eventos.

### Marinheiros, doppelgänger e fantasmas

No entanto, o fantasma dos companheiros submersos surge das brumas da memória a perseguir o sobrevivente, como na poesia “O sobrevivente” (“Il superstite”), cujo primeiro verso retoma “The Rime of the Ancient Mariner” (“A Balada do Velho Marinheiro”) escrita por Coleridge em 1798:

*Since then, at an uncertain hour*<sup>16</sup>/ Desde então, em hora incerta/  
Aquela pena retorna,/ E se não acha quem a escute,/ No peito o  
coração lhe queima/ [...] Para trás, fora daqui, gente  
perdida<sup>17</sup>/ Adiante. Não suplantei ninguém,/ Não usurpei o pão  
de ninguém,/ Ninguém morreu em meu lugar. Ninguém./

<sup>16</sup> Os versos principais de Coleridge citados por Levi constituem o final do poema inglês e evocam a pena do marinheiro, uma inquietude que volta, em hora incerta, desde a época da catástrofe: “*Since then, at an uncertain hour, / That agony returns: / And till my ghastly tale is told, / This heart within me burns*” (“Desde esse dia, em hora incerta, / Volta essa angústia extrema; / E se não conto a história horrível / O coração me queima”) (COLERIDGE, 2005, vv. 582-5). *Ad ora incerta* virou título da coletânea poética de Levi. Os mesmos versos de Coleridge são postos em epígrafe de *Os afogados e os sobreviventes*.

<sup>17</sup> No original: “*gente sommersa*” de influência dantesca (v. nota 1).

Retornem ao seu nevoeiro vossas brumas/ Não tenho culpa se vivo e respiro/ E como e bebo e durmo e visto roupas. (2019, p. 111, grifo nosso)

Os submersos transformam-se em perseguidores intencionados a ultrapassar a fronteira entre os vivos e os mortos, aquela cerca de arame farpado que, como sugere Flávia Trocoli (2010, p. 460), divide quem escreve dos seus fantasmas. Se os fantasmas em questão pertencem à experiência de Ruth Klüger, a escrita em todos os casos é o espaço da tentativa de hospedar a tensão da fratura e tentar uma reconciliação das memórias. Para Klüger a poesia substitui o *Kadish* (a reza judaica para os mortos) interdito às mulheres (Ibidem), enquanto para Levi a autoridade secular de Dante e Coleridge permite encontrar um esconderijo para abrigar o tormento secreto que precisa ser ao mesmo tempo expresso e filtrado (SCARPA, 1991, p. 252).

A comparação com o Velho Marinheiro – paradigma do sobrevivente dominado pela urgência de narrar um naufrágio – já havia sido assumida em *A tabela periódica*, na página que relata o início da atividade de escrita: “Parecia-me que, para purificar-me, só através da narração, e me sentia como o Velho Marinheiro, de Coleridge, que segura pelo caminho os convidados que vão à festa, para lhes infligir sua história de malefícios” (LEVI, 1994, p. 151).

No pesadelo da invasão dos fantasmas desponta um umbral aberto por onde estes podem passar; o que faz pensar em uma cena interna à psique do sobrevivente, para a qual adotaremos, a fim de desenvolvê-la, a pertinente imagem de Raffaella Di Castro (2015, p. 1): ao dar a voz aos outros submersos pela escrita, cada sobrevivente carrega em si seu submerso, a parte de si que lhe permite se tornar uma testemunha “integral”, e, ao mesmo tempo, o sobrevivente que atravessou a morte (o *revenant* de Jorge Semprun), que já experimentou o ser ele mesmo um submerso. O submerso interno de Levi configura-se como um companheiro, na intersecção entre a manifestação de uma parte de si e um Outro em carne e osso parecido mas não idêntico. Parecido e não idêntico é Alberto. Como vimos, “Alberto era um simbiote ideal”, “*era il mio indivisibile*” (“o meu indivisível”).<sup>18</sup> Ele opera como *Doppelgänger*, metáfora de um submerso interno coincidindo ao mesmo tempo com a alteridade, externa, capaz de espelhar uma imagem de si, principalmente para aquele

---

<sup>18</sup> Tradução nossa, pois em *É isto um homem?*, p.157 a tradução é “meu companheiro inseparável”, um efeito muito atenuado em comparação ao italiano “*il mio indivisibile*”, termo também matemático. O trecho vale a pena ser lido no original: “*E venne finalmente Alberto, sfidando il divieto, a salutarmi dalla finestra. Era il mio indivisibile: noi eravamo ‘i due italiani’ e per lo più i compagni stranieri confondevano i nostri nomi*” (LEVI, 1997a, p. 134) A nota di Cavaglion observa que “*E venne*” é o típico sintagma dos momentos que precedem dolorosas separações, na tradução também anulado pela variação de soluções.

que percebe em si “uma perigosa tendência à simbiose com um autêntico astuto”, como confessa Levi em *A tabela periódica* (1994, p. 143).

Alberto-submerso, no plano literário, poderia cumprir aquele papel que segundo Jung precedia à aceitação e à convivência com a própria Sombra, isto é a função de criar um símbolo para evitar que a Sombra saia do campo visual, para estabelecer com ela uma relação madura (TREVI; ROMANO, 2009, p. 112-5). Se a metáfora da Sombra junguiana é metáfora do limite e a experiência da Sombra é experiência do próprio limite, há apenas uma maneira de enfrentá-la: considerar o limite não como falta de algo, mas como uma fronteira que nos define (JUNG, 1982, p. 121-5). Este aspecto nos parece interessante: a personagem de Alberto transita entre biografia e metáfora, entre real e literário, entre relação de amizade e sombra, entre ser o submerso interno de Levi e sua representação externa, ajudando a contrastar a ameaça fantasmática. A perseguição de uma “pequena sombra negra” é ainda mais contundente na poesia “O canto do corvo II” (1953) onde a evocação de um duplo perseguidor e da ausência de refúgio compõem uma sinistra profecia: “Quando fra te e te nulla pone riparo”.<sup>19</sup> E segue:

[...] Vou persegui-lo até os confins do mundo,/ Cavalgando sobre seu cavalo,/ Manchando a ponte de sua nave/ Com minha pequena sombra escura,/ Sentando-me à mesa onde você se senta,/ Hóspede sem falta dos seus refúgios,/ Parceiro sem falta de seus descansos./ Até que se cumpra o que foi dito,/ Até que sua força se desfaça,/ Até que você mesmo se acabe / Não com um baque, mas com um silêncio,/ Como em novembro as árvores se despem,/ Como se encontra parado um relógio. (2019, p. 43)

As imagens da presença do companheiro à mesa, na hora do repouso, e a mancha no navio remetem claramente a “The Secret Sharer” (“O companheiro secreto”) de Joseph Conrad, onde o capitão (coincidente com o narrador) recebe a bordo de seu navio, em uma situação noturna e bizarra, um sócia em fuga de uma acusação de assassinato.

### A vergonha

Sobrevivente no lugar de outro, onde todos podem ser intermutáveis (como Alberto e Primo), eis o lamento diante das almas invasivas (“não suplantei ninguém”) e do submerso interno. A já mencionada personagem de Francine comenta o sentimento de vergonha por viver:

---

<sup>19</sup> “Quando entre você e você não há refúgio” (LEVI, 2004b, p. 31, trad. nossa).

“No Lager ninguém se suicidava. Não havia tempo, havia outras coisas em que pensar [...] Aqui há tempo, e as pessoas se suicidam. Até por vergonha.”

“Vergonha de quê?”, perguntou Line. “A gente sente vergonha de uma culpa e eles não têm culpa.”

“Vergonha de não ter morrido”, disse Francine [...] É a impressão de que os outros morreram em seu lugar; de estar vivo gratuitamente, por um privilégio que você não mereceu, por uma injustiça que você cometeu contra os mortos” (1999, p. 258-9).

Uma culpa mortal, então, no sentido literal. O privilégio e a gratuidade da salvação apontam para a impossibilidade de pensar em algum mérito, conseqüentemente a injustiça da morte dos outros permanecerá gritante. E o sobrevivente ainda pode ser acometido pelo pensamento corrosivo de um demérito, de ter sido poupado por engano. Esta suspeita é narrada nas páginas de *É isto um homem?* relativas à seleção (as únicas páginas a respeito, exceto a representação inicial da famosa repartição dos recém-chegados para direita ou para esquerda).<sup>20</sup> Em uma das cenas mais dramáticas do livro, o escritor consegue com sua habilidade mostrar a face mais cotidiana do massacre. Todos os prisioneiros do Block aguardam em pé, despídos e apinhados, com apenas uma ficha com seus dados na mão, cientes do que vai ocorrer, embora com certa ironia Levi (1988, p. 129) destaque que não há tempo nem espaço físico para eles terem medo (“não há tempo, não há lugar para termos medo”). A palavra estrangeira e ameaçadora *seleckja*, híbrida mistura de polonês e latim, pairava no ar alguns dias antes gerando inquietude entre os prisioneiros. Quando a seleção começa, eles precisam passar rapidamente na frente de um oficial das SS, “árbitro do nosso destino” (*Idem*, p. 130), que avaliará seu estado físico e o direito de sobreviver ou de ser enviado à câmara de gás, entregando o papel à sua direita ou sua esquerda. Os prisioneiros passam em poucos segundos tentando erguer sua cabeça, o peito para fora, e simulando um passo enérgico sem saber ainda qual direção significa morte. Levi crê ter visto seu veredito indo à direita. Minutos depois todos se afobam a perguntar aos mais velhos para onde foi sua ficha:

Ainda antes que termine a seleção, todos sabem que, realmente, a esquerda foi o *schlechte Seite*, o lado infausto. Há, obviamente, exceções à regra: René, por exemplo, tão jovem e robusto, foi parar na esquerda, talvez porque use óculos, talvez porque caminhe meio curvo como os míopes, ou, mais provavelmente, por descuido. René passou na frente da comissão logo antes de mim, poderiam ter trocado as fichas. Penso nisso, falo com Alberto, sim, a hipótese é verossímil; ainda não sei o que vou

<sup>20</sup> De Auschwitz III (Monowitz), onde se encontravam, Levi e seus companheiros não viam a torre do crematório de Auschwitz-Birkenau. Em Birkenau estavam presas as mulheres.

pensar disso amanhã e depois; hoje, essa hipótese não desperta em mim nenhuma emoção. (1988, p. 130)<sup>21</sup>

Levi sabe que estes erros são corriqueiros, pois o que importa aos nazistas não é a eliminação imediata dos “inúteis”, mas liberar o lugar para os recém-chegados. Na cena final, a descrição dos instantes que seguem à seleção concentra-se na peculiar reação de raiva contra o velho Kuhn que, ao receber logo sua porção de comida, agradece não ter sido selecionado:

Pouco a pouco, o silêncio prevalece, e então, do meu beliche do terceiro andar, se vê e se ouve o velho Kuhn rezando em voz alta, de boné, e balançando o tronco com violência. Kuhn agradece a Deus porque não foi escolhido.

Kuhn é insensato. Não vê, no beliche ao lado, Beppo, o grego, que tem vinte anos e depois de amanhã irá para o gás, e sabe disso, e fica deitado e fita a lâmpada sem falar nada, sem pensar mais em nada? Não sabe, Kuhn, que a próxima será a sua vez? Não compreende, Kuhn, que hoje aconteceu um abomínio e nenhuma reza propiciatória, nenhum perdão, nenhuma expiação, nada enfim que o homem tenha o poder de fazer jamais conseguirá repará-lo?

Se eu fosse Deus, cuspiria a reza de Kuhn no chão. (1997a, p. 113, trad. nossa)<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Infelizmente a tradução elimina aqui a pontuação voluntariamente exacerbada, como, por exemplo, os dois pontos repetidos que parecem refletir a ansiosa série de hipóteses e a desesperada busca de explicação. O original: “*Prima ancora che la selezione sia terminata, tutti già sanno che la sinistra è stata effettivamente la ‘schlechte Seite’, il lato infausto. Ci sono naturalmente delle irregolarità: René per esempio, così giovane e robusto, è finito a sinistra: forse perché ha gli occhiali, forse perché cammina un po’ curvo come i miopi, ma più probabilmente per una semplice svista: René è passato davanti alla commissione immediatamente prima di me, e potrebbe essere avvenuto uno scambio di schede. Ci ripenso e ne parlo con Alberto, e conveniamo che l’ipotesi è verosimile: non so cosa ne penserò domani e poi; oggi essa non desta in me alcuna emozione precisa*”. (1997a, p. 112)

<sup>22</sup> Ainda problemas de tradução a serem assinaladas: preferimos propor outra tradução, discordando de algumas escolhas da edição brasileira: a troca do impessoal “*dalla mia cuccetta si vede e si sente*” com o autobiográfico “eu” (“vejo e ouço”), pois Levi nunca abusa do sujeito “eu” que aqui aparece no final com mais força e mais contraste quando Levi sai do anonimato dos prisioneiros (todos sentados nos beliches) e ergue-se a juiz divino (“Se eu fosse Deus”); a eliminação de repetições de palavras ou da conjunção “e” que marcam o andamento do pensamento coloquial, e também privado de esperança; a eliminação da anáfora “Não compreende, Kuhn/ Não sabe, Kuhn”, figura poética muito frequente em Levi, que aqui reflete a intensa indignação do narrador perante alguém que não entende a tragédia e a vergonha. Também encontramos, na tradução brasileira, uma mudança de imagem e uma de registro, muito discutíveis (que assinalamos a seguir com o sublinhado): “Pouco a pouco faz-se silêncio. Do meu beliche, no terceiro andar, vejo e ouço o velho Kuhn rezando em voz alta, com o boné na mão, meneando o busto violentamente. Kuhn agradece a Deus porque não foi escolhido. Insensato! Não vê, na cama ao lado, Beppo, o grego, que tem vinte anos e depois de amanhã irá para o gás e bem sabe disso, e fica deitado olhando fixamente a lâmpada sem falar, sem pensar? Não sabe, Kuhn, que da próxima vez será a sua vez? Não compreende que aconteceu, hoje, uma abominação que nenhuma reza propiciatória, nenhum perdão, nenhuma expiação, nada que o homem possa fazer, chegará nunca a reparar? Se eu fosse Deus, cuspiria fora a reza de Kuhn” (1988, p. 131-2).

Não é possível determinar quanto a indignação (para com a divergência arbitrária de destinos) e a vergonha (de estar vivo no lugar de outro) pertençam de fato ao prisioneiro Levi ou ao narrador de dois anos mais tarde, mas a agressão verbal em direção de Kuhn reflete uma autocondenação por ter se salvado à revelia de outro.

Derrida (1995, p. 41) refere-se a uma estrutura “bífida” do testemunho e à questão da testemunha da própria morte, aquela testemunha que atormenta Levi e sugere a presença de um paradoxo. Na estrutura testemunhal, segundo Derrida, a testemunha é sempre um sobrevivente, pois dá testemunho se viveu “além” do evento; esse fato, apesar de parecer óbvio, leva a linguagem a um estatuto específico, sendo a palavra sempre uma “palavra sobrevivente” (*Idem*, p. 42). Blanchot (*apud* DERRIDA, 1995, p. 42) afirma: “Há cinquenta anos conheci a sorte de ser quase fuzilado”. A partir deste paradoxo, parecido ao que encontramos na frase de Levi que inicia-se com ‘por sorte’, Derrida comenta ser este o testemunho, um testemunho que o estilo de Blanchot torna “abissal, elíptico e paradoxal”, citando três aspectos comuns ao testemunho de um fato específico, o de não ter morrido quando se esperava o contrário. Nesta qualidade insólita reside o sentimento de culpa de Levi, de Blanchot e de Dostoievski: “o que lhe acontece não é morrer mas não morrer” (p. 46), um erro da in-justiça que porém nem por isso se torna justa. Pelo contrário. O “tormento incessante” deriva da percepção de estar vivo por engano, de ter se beneficiado de um privilégio indevido (p. 53); no caso de Blanchot possivelmente graças à sua condição econômica, no caso de Levi por erro e sorte. O testemunho para Derrida acaba por ser meta-testemunho, ou testemunho de um testemunho já acontecido (p. 48). Pode-se deduzir que, desta forma, a testemunha permanece atrelada ao evento, pois se o testemunho lhe é posterior, ele pode-se repetir ao longo da vida da testemunha, até a repetição se tornar um imperativo categórico moral ou um dever obsessivo.

A vergonha ligada à sobrevivência ainda acomete Levi e seu amigo Alberto depois de assistir ao enforcamento de prisioneiros de Auschwitz – responsáveis por ações de sabotagem –, organizado como espetáculo exemplar e obrigatório para os outros. Ao se recolher, o silêncio denuncia a irreparável culpa:

Eu desejaria poder contar que entre nós, vil rebanho, levantou-se uma voz, um sussurro, um sinal de assentimento. Não, não houve nada. Continuamos de pé, encurvados e cinzentos, cabisbaixos [...] Aos pés da forca, os SS nos olham passar, indiferentes. A sua obra foi concluída e bem concluída. Os russos podem vir; só encontrarão a nós, domados, apagados, já merecedores da morte inerme que nos espera.

Destruir o homem é difícil, quase tanto como criá-lo: custou, levou tempo, mas vocês, alemães, conseguiram [...]



Alberto e eu voltamos ao Bloco; nenhum dos dois pôde encarar o outro [...] Porque nós também estamos quebrados, vencidos: ainda que tenhamos conseguido nos adaptar, ainda que tenhamos aprendido, por fim, a achar nossa comida e a aguentar o cansaço e o frio, ainda que um dia, talvez regressemos. Colocamos a gamela no beliche, repartimos a comida, saciamos a fúria da fome e agora nos oprime a vergonha. (1988, p. 152)

A vergonha nasce ao fitar o abismo entre os submersos e os salvos; nele, os vivos transformaram-se em um “vil rebanho” de indivíduos “domados, apagados, já merecedores da morte inerme” (*Idem, ib.*). Vergonha é a última palavra do capítulo que se intitula “O último” e que pode ser considerado o último capítulo – se pensarmos que o capítulo seguinte, “História de dez dias”, apresenta-se como um epílogo em forma de diário, quando a máquina do *Lager* para de funcionar e o tempo volta a ser contabilizado. A vergonha é o que resta à humanidade que criou os campos de extermínio. E é também a primeira emoção dos homens livres ao descobrir Auschwitz, nas primeiras páginas de *A trégua*, aquela “confusa reserva, que selava as suas bocas e subjugava os seus olhos ante o cenário funesto” (2010, p. 10).

A vergonha ainda retorna sob outro aspecto, como vergonha póstuma, ao se deparar com um ato de egoísmo no episódio da descoberta de uma torneira no Campo. Ao encontrar uma goteira de água potável escondida, Primo decide revelar o segredo apenas ao amigo-irmão Alberto, mas não a Daniele. No entanto, este havia percebido algo e anos depois pede explicações a Levi sobre os motivos da exclusão. Ao relatar seu sentimento de culpa percebido neste diálogo, o escritor analisa o egoísmo estendido a quem está mais próximo como mais uma estratégia de sobrevivência, sem por isso se eximir do mal-estar que o código moral dos homens livres impõe *a posteriori* (2004a, p. 69-70).

Ainda há a vergonha que se cala e silencia os demais:

Vive em nós uma instância mais profunda, mais digna, que, em muitas ocasiões, nos sugere o silêncio sobre os *Lager* [...] Trata-se de vergonha. Somos homens, pertencemos à mesma família humana à qual pertenceram nossos algozes. Diante de sua culpa, é como se também fôssemos cidadãos de Sodoma e Gomorra; não conseguimos ficar alheios à acusação que um juiz extraterreno, no rastro de nosso próprio testemunho, levantaria contra a humanidade inteira. (1997b, v. 1, p. 1114, trad. nossa)

É a vergonha que, ao contrário – diz Levi – os alemães não sentiram, e, segundo Belpoliti (2015, p. 551), uma das emoções da consciência de si. No entanto, “para o bem ou para o mal, somos uma gente só” (LEVI, 1997b, v. 2, p. 927) e o escritor não deixou de chamar o povo alemão ao fechamento das contas, através de seus livros e as correspondências epistolares tratadas

no capítulo “Carta de alemães” de sua última obra. Uma tentativa de diálogo para uma tentativa de explicação:

Chegara a hora de acertar as contas, de pôr as cartas na mesa. Sobretudo a hora do diálogo. A vingança não me interessava [...]. A mim competia compreender, compreendê-los. Não o punhado dos grandes culpados, mas eles, o povo, aqueles que eu via de perto, [...] os que haviam acreditado, os que, não acreditando, haviam calado, não haviam tido a coragem sutil de nos olhar nos olhos, de nos dar um pedaço de pão, de murmurar uma palavra humana. (LEVI, 1994, p. 144)

Na busca de entender e descrever a humanidade, já desde 1947, recém-saído do Campo, os textos de Levi mostram a preferência para um “sereno estudo de certos aspectos da alma humana” (em original: “*uno studio pacato*”), como se lê no prefácio de *É isto um homem?*. Aqui se trata de compreender os alemães – como sempre os chamou Levi – para distinguir a massa de cidadãos comuns das autoridades e oficiais nazistas e ao mesmo tempo identificar as responsabilidades distribuídas numa sociedade inteira. Uma das buscas principais de Levi testemunha.

### Carbono

Concordamos com Scarpa (1991, p. 249) quando afirma que o tema da sobrevivência explode a partir de *Se questo è un uomo*, espalhando estilhaços em todos os textos: desde os contos fantásticos como “Regime de aposentadoria”, “Versamina”, “Agentes de negócios”, à vida dos elementos químicos de *A tabela periódica* ou dos animais protagonistas de reflexões de *O ofício alheio*, até o tema do universo estrelado. Sobrevivência, evolução, adaptação confluem tematicamente no conto Carbono (*A tabela periódica*) assim como nos últimos contos em formato de entrevista à girafa, à gaivota, à aranha. O prisioneiro que em Auschwitz concebe o projeto de narrar as peripécias de um átomo de carbono não é outro que o meigo rapaz com ideias evolucionistas bem enraizadas, amante das montanhas e dos livros de aventuras (Stevenson, London, Conrad), crescido em um contexto familiar laico e racionalista rodeado pela sociedade competitiva e belicosa do fascismo.<sup>23</sup> A experiência do Campo veio, então, confirmar, amplificar e reformular a importância do tema da sobrevivência tornando primário o quesito “quem sobrevive e como”, ao mesmo tempo em que abala a confiança na lógica, na ordem do cosmo e na capacidade humana de progredir. De fato, na ciência, Levi procurava “uma imagem do mundo” mais do que uma profissão (1997c, p. 30). As leis vitais e “justas”

---

<sup>23</sup> O poder de Mussolini durou de 1924 a 1943 e constitui o que é chamado de *Ventennio fascista*, abarcando duas décadas nas quais uma inteira geração se formou nas escolas de regime, inclusive Primo Levi, nascido em 1919.

do mundo-laboratório são colocadas em questão no confronto com outro tipo de laboratório, a “experiência Auschwitz”, onde “nem sequer um daqueles princípios morais tinha direito de cidadania. Pelo contrário, eram esmagados cotidianamente [...] porque os objetivos deste ‘insólito’ laboratório baseavam-se em valores exatamente opostos aos valores em que ele acreditava” (BUCCIANINI, 2011, p. 51, trad. nossa). A estrutura do Campo apresenta elementos caóticos e inexplicáveis desde que é regido por uma violência devastadora e “inútil” (segundo a definição dada em *Os afogados e os sobreviventes*, no capítulo “A violência inútil” para indicar atos humanos de mera crueldade e aniquilação).

De acordo com Mengaldo, as ideias de Levi em contato com o *Lager* são influenciadas por uma presença fantasmática (mais uma):

Depois de Auschwitz, um *Doppelgänger*, um “pálido cumpadre” (como na poesia de Heine por ele traduzida – talvez não por acaso) deve ter caminhado implacável ao lado de Levi, sussurrando em seu ouvido o quão frágil é todo iluminismo que pretenda circunscrever o mal. (*apud* BUCCIANINI, 2011, p. 53, trad. nossa)

O que era um modelo interpretativo baseado na Tabela periódica de Mendeleev não é mais suficiente no Campo e, ao voltar de Auschwitz, ele procura a maneira de atingir uma ordem e de organizar o real, mantendo a convicção de que “a chave da vida é a complexidade ordenada, e do simples não nasce o complexo” (LEVI, 1997b, v. 2, p. 1329, trad. nossa).

Com uma pertinente formulação, Di Meo (2011, p. 119) afirma que os submersos e os salvos tornaram-se a bússola interna para estudar os fatores escorregadios, a sorte, o azar, os comportamentos humanos e o imprevisto. A reconfiguração dos critérios que dividem os submersos dos salvos impacta sua visão anterior do mundo. Mas não é de se excluir a derivação de um primeiro núcleo de pensamento, anterior à deportação, atraído pela sobrevivência da vida na terra em todas suas formas.

Se na estruturação do pensamento primoleviano, a vergonha revela, como se fosse uma mancha, um elemento caótico que irrompe no mundo humano e que impede reajustar o equilíbrio de submersos e salvos em termos científicos-naturais, ele persiste em explorar a vida animal para percorrer o caminho originário do cientista curioso das estratégias zoológicas e do funcionamento da resistência no próprio *habitat*.

O resultado é duplo: a maravilha inesgotável diante das estratégias engenhosas de borboletas, aranhas ou parasitas e um pessimismo crescente sobre uma sociedade que tende a repetir os horrores mais do que a lembrá-los e historicizá-los. No breve texto “Gli scarabei” (Os escaravelhos) – que é, a nosso ver, um dos mais belos sobre o mundo animal escritos por Levi –, a admiração pelas proezas dos escaravelhos conserva margens de desconforto:

Este conjunto de comportamentos gera impressões complexas: estupor, curiosidade, admiração, horror, riso. Mas me parece que a sensação da estranheza prevaleça sobre as demais: estas pequenas fortalezas voadoras, estas pequenas máquinas cujos instintos são programados há cem milhões de anos, nada têm a ver conosco, representam uma solução totalmente diferente ao problema do sobreviver. (1998, p. 179, trad. nossa)

Se para os humanos, mesmo em condições extremas um fator de sobrevivência reside na mente engenhosa capaz de criar relações entre ideias aparentemente alheias (1988, p. 149), os insetos revelam leis mais próximas àquelas que movem as outras espécies, as estrelas e as metamorfoses da origem. A própria temática da Criação representa uma das modalidades de se interrogar sobre a sobrevivência: “A origem da vida na Terra não é um problema qualquer, é o problema” (1997b, v. 2, p. 1328). Se inúmeros são os breves textos sobre animais e suas soluções astuciosas de adaptação, a indagação pode ser desenvolvida narrativamente focalizando uma contratendência. É o caso do conto “Rumo ao Ocidente”, onde o escritor descreve uma migração de *lemmings* em direção a oeste com a finalidade do suicídio coletivo. Os pesquisadores encarregados de descobrir a razão do deslocamento dos pequenos roedores debatem segundo um raciocínio lógico e um conjunto de temas tipicamente primolevianos:

A regra é a seguinte: cada um de nós, humanos, mas também os animais e... sim, até as plantas, tudo o que é vivo, luta para viver e não sabe por quê. O porquê está inscrito em cada célula, mas numa linguagem que não sabemos ler com a mente; mas podemos lê-la com todo o nosso ser, e obedecemos à mensagem com o nosso comportamento. Mas a mensagem pode ser mais ou menos imperativa: sobrevivem as espécies em que a mensagem é gravada mais fundo e mais claro, as outras se extinguem, se extinguiram. Mas até naquelas em que a mensagem é clara pode haver lacunas. [...]

– E nós?

– Nós nos enganamos e sabemos disso, mas preferimos continuar de olhos fechados. A vida *não* tem um objetivo; a dor sempre prevalece sobre a alegria; somos todos uns condenados à morte, a quem o dia da execução não foi revelado; [...] Todos sabemos disso, e no entanto algo nos protege, nos sustenta e nos afasta do naufrágio. (2005b, p. 184-5, grifo nosso)

A ordem das coisas, a busca de uma explicação, a mediação dos pontos de vistas contrários, os códigos e sua leitura, as leis da extinção, o naufrágio – temas frequentes em Levi – compõem um retrato-manifesto nutrido de vitalismo e forte pessimismo sobre a condição humana, onde o *vício de forma* (também título da coletânea) diz respeito à estruturação genética, a um defeito de fabricação na origem (repetido em diversos

contos fantásticos sobre a criação ou o estudo alheio dos seres humanos). Contrastando com a visão bergsoniana assumida durante toda sua vida, porém, a ideia da vida como espera do dia da “execução” soa kafkianamente fatalista, sobretudo por meio de uma palavra carregada de punição, acusação e veredictos.

Ao mesmo tempo, viver equivale a travar uma batalha (“tudo o que é vivo, luta para viver e não sabe por quê”). A metáfora da batalha é endossada nas descrições de Levi do ofício profissional de químico no embate com a *Hyle* (Matéria, em grego), a matéria inorgânica. “Somos químicos, isto é, caçadores: nossas são ‘as duas experiências da vida adulta’ de que falava Pavese, o sucesso e o insucesso, matar a baleia branca ou destroçar o navio; não nos devemos render à matéria incompreensível nem a ela nos acomodarmos” (1994, p. 80). No conto “Nichel”, em contraposição às criaturas vivas da flora e da fauna, a rocha representa a matéria inorgânica, “sideral, hostil, estranha”, uma fortaleza de pedra que o escalador ou o químico devem “desmantelar bastião por bastião” (*Idem, ibidem*). Em “Cromo”, retorna a comparação entre a profissão e o esforço físico, enquadradas como luta:

Lancei-me ao trabalho com o mesmo ânimo com o qual, num tempo não muito distante, escalávamos uma rocha; e o adversário era sempre e ainda o mesmo, o não-eu, o Grande Curvo, a Hyle: a matéria estúpida, inertemente inimiga, assim como inimiga é a estupidez humana, e tão poderosa quanto esta última em sua obtusidade passiva. Nosso ofício é conduzir esta batalha interminável: é muito mais rebelde, mais refratário à tua vontade um verniz “empulmonado” que um leão em seu ímpeto insano; mas, não exageremos, é também menos perigoso. (1994, p. 154)

Nessa batalha, que é ao mesmo tempo contra a dura pedra e a rígida estupidez, a arma é o cérebro (LEVI, 1997b, v. 2, p. 928). Mesmo quando o químico irá deixar o escritório para se aposentar, os fenômenos de metamorfose da matéria permanecerão um de seus grandes interesses, pois, como afirma no texto “Os segredos da aranha”: “não se pode pedir a um soldado que esqueça os seus campos de batalhas” (*Idem*, p. 1306).<sup>24</sup> De acordo com Belpoliti (2015, p. 275), Levi tem uma ideia competitiva da vida sem por isso fazer a apologia dos conflitos. Se por um lado as primeiras leituras oferecidas pelo pai engenheiro faziam parte de um livro chamado “O caçador de micróbios”, a educação na escola fascista enaltecia o domínio do “espírito” sobre a matéria, o que fazia desta uma aliada dos jovens estudantes antifascistas, mas ao mesmo tempo devia forjar involuntariamente uma certa ideia da vida como ação guerreira de

<sup>24</sup> Il segreto del ragno, PS, OP, v. 2, p. 1306, trad. nossa; “non si può chiedere ad un soldato di dimenticare i suoi campi di battaglia.”

conquista. Todavia, podemos aceitar a dualidade, sem supor nela uma incoerência. Por outro lado, não precisamos forçar uma síntese diante uma posição simplesmente moderada (como é a hipótese de uma ideia competitiva sem ser apologia).

Enfim, na aventura da vida e sobrevida, a epopeia mais surpreendente da tabela periódica é protagonizada por um átomo de carbono, à mercê das mais incríveis metamorfoses; um conto cujo esboço estava na mente do escritor no período do *Lager*. Este átomo de carbono da narração existe há centenas de milhares de anos em forma de rocha calcária e de repente entra numa cadeia de eventos dinâmicos a partir de uma data arbitrária (em 1840) estabelecida pelo escritor por meio do gesto criador da trama. Viaja no vento, no mar, no gás, no corpo de um falcão, numa folha, no vinho bebido por alguém. Descartado e transformado numa molécula de glucósio, entra numa borboleta, no húmus do bosque, voa de novo e as transformações possíveis são ilimitadas.

Poderia contar inúmeras histórias diferentes, e seriam todas verdadeiras: todas literalmente verdadeiras, na natureza das passagens, em sua ordem e em suas datas. O número de átomos é tão grande que sempre se encontraria um cuja história coincidissem com uma história qualquer inventada ao acaso [...] No entanto, só contarei mais uma história, a mais secreta, e a contarei com a humildade e a modéstia de quem sabe desde o começo que seu tema é desesperado, os meios são frágeis, e o ofício de revestir os fatos com palavras está fadado ao malogro em sua essência profunda. (LEVI, 1994, p. 232)

Retornam os temas do acaso e da limitação dos meios expressivos. Tanto a declaração de inefabilidade, quanto de modéstia serão logo desmentidas pelo gesto criador no surpreendente desfecho das aventuras do átomo de carbono:

Ele está de novo entre nós, num copo de leite. Está inserido numa longa cadeia, muito complexa, mas de tal natureza que quase todos os seus elos são aceitos pelo corpo humano. É engolido: e como toda estrutura viva guarda uma desconfiança selvagem em face de qualquer contribuição de outro material de origem viva, a cadeia é meticulosamente despedaçada, e os pedaços, um a um, são aceitos ou rejeitados. Um deles, o que nos interessa, supera a barreira intestinal e entra na corrente sanguínea: migra, bate à porta de uma célula nervosa, entra e toma o lugar de um outro carbono que dela fazia parte. Esta célula pertence a um cérebro, e este é meu cérebro, de mim que escrevo, e a célula em questão, e nela o átomo em questão, se dedica a minha escrita, num gigantesco e minúsculo jogo que ninguém jamais descreveu. É aquela que neste instante, a partir de um labiríntico entrelaçamento de sim e de não, faz com que minha mão percorra um certo traçado no papel e o marque com estas volutas

que são signos; um impulso duplo, para cima e para baixo, entre dois níveis de energia, leva esta minha mão a imprimir no papel este ponto: este. (*Idem*, p. 232-3, grifo nosso)<sup>25</sup>

O nascimento da palavra escrita se dá pela alquimia da matéria, pela imitação da criação do Verbo onde o demiurgo é o químico-escritor que supera o umbral (assim como o átomo ultrapassa a soleira – em italiano “*la soglia*” – do intestino) e pega a caneta com a mão. É interessante individuar uma linguagem que aproxima seus textos independentemente do contexto e do conteúdo e que reflete uma modalidade do pensamento. Em Levi tudo é frequentemente duplo, e aqui há um “duplo impulso” (“*doppio scatto*”), entre dois níveis de energia. Mas também alguém “toma o lugar de um outro” (no original o autor usa o verbo *soppianta*, suplanta, a despeito do “não suplantei ninguém”<sup>26</sup>), para sobreviver. Tais imagens encontram-se todas na escrita testemunhal, assim como o “labiríntico entrelaçamento de sim e de não” lembra as seleções feitas indicando a direita e a esquerda ecoadas no verso da poesia “Shemá” em epígrafe de *É isto um homem?*: “que morre por um sim ou por um não” (1988, p. 9). A partir destas equivalências de metáforas e escolhas lexicais, a vida parece coincidir com a resistência a não sucumbir.

Ao acompanhar as viagens do carbono entendemos que a sobrevivência, quando não lógica, assemelha-se a um milagre laico do acaso e que até esta aventura do átomo tece um elogio à salvação, considerada nos termos dos submersos e salvos. Por fim, no tumulto das transformações, a última é a metamorfose deste elemento determinante para as cadeias orgânicas, o carbono, em palavra. A transmutação da química da vida em escrita. E a escrita como resposta possível.

## Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad. de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDT, Hannah. *La banalità del male*. Milão: Feltrinelli, 2009.
- BELPOLITI, Marco. *Primo Levi, di fronte e di profilo*. Milão: Guanda, 2015.
- BUCCIANINI, Massimo. *Esperimento Auschwitz*. Turim: Einaudi, 2011.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. *A balada do velho marinheiro, seguido de Kubla Khan*. Edição bilíngue. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Ateliê, 2005.

<sup>25</sup> Estão sublinhadas as expressões que possuem correspondência de estilo, léxico e conteúdo presentes na literatura testemunhal, dos quais alguns exemplos são fornecidos logo em seguida.

<sup>26</sup> Cf. Poesia “O sobrevivente” (“Il superstite”), acima citada. Com frequência, nas traduções de Levi não se prioriza a precisão das palavras do autor e seu léxico específico e significativo do conjunto de sua obra. Sobre este assunto já assinalamos repetidamente exemplos concretos em outros ensaios e na Tese de Doutorado “O estranho-estrangeiro na obra de Primo Levi”.

- DERRIDA, Jacques. “L’istante della mia morte”. *Aut-aut*, n. 267-8, 1995, p. 38-56.
- DI CASTRO, Raffaella. Primo Levi. “L’arte di un ‘testimone integrale’”. *Kaiak. A Philosophical Journey, Apocalissi culturali*, n. 2, 2015, publicado em 26/12/2015, p. 1. Disponível em: <http://www.kaiak-pj.it/images/PDF/rivista/kaiak-2-apocalissi/DiCastro.pdf>, acesso em: 13/07/2020.
- DI MEO, Antonio. *Primo Levi e la scienza come metafora*. Roma: Rubbettino, 2011.
- GORDON, Robert. ‘Sfacciata sfortuna’. *La Shoah e il caso*. (Lezione Primo Levi). Turim: Einaudi, 2010.
- JUNG, Carl Gustav. *Opere*, v. 9, 2º tomo, Turim, Boringhieri, 1982.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Trad. de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo. *Se questo è un uomo*. Notas de Alberto Cavaglion. Turim: Einaudi, 1997a.
- LEVI, Primo. *A trégua*. Trad. de Marco Lucchesi. São Paulo: Companhia das letras, 2010.
- LEVI, Primo. *A tabela periódica*. Trad. Luis Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- LEVI, Primo. *Se não agora, quando?* Trad. de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das letras, 1999.
- LEVI, Primo. *I sommersi e i salvati*. Turim: Einaudi, 2007.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Trad. de Luis Sérgio Henriques. São Paulo: Paz e terra, 2004a.
- LEVI, Primo. *Tutti i racconti*. Turim: Einaudi, 2005a.
- LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. Trad. de Maurício S. Dias. São Paulo: Companhia das letras, 2005b.
- LEVI, Primo. *L’altrui mestiere*. Turim: Einaudi, 1998.
- LEVI, Primo. *Ad ora incerta*. Milão: Garzanti, 2004b.
- LEVI, Primo. *Mil sóis*. Trad. de Maurício S. Dias. São Paulo: Todavia, 2019.
- LEVI, Primo. *Opere*, v. 1 e 2. Org. de Marco Belpoliti. Turim: Einaudi, 1997b.
- LEVI, Primo. *Conversazioni e interviste 1963-1987*. Org. de Marco Belpoliti. Turim: Einaudi, 1997c.
- PELLIZZI, Federico. “Asimmetria e preclusione”. In: NEIGER, Ada (org.). *Mémoire oblige. Riflessioni sull’opera di Primo Levi. Labirinti*, n. 120. Trento: Dipartimento di Studi Letterari, Linguistici e Filologici, 2009.
- SCARPA, Domenico. “Chiaro /scuro”. In: BELPOLITI, Marco (org.). Primo Levi. *Riga*, n. 13. Milão: Marcos y Marcos, 1991.
- TREVI, Mario. ROMANO, Augusto. *Studi sull’ombra*. Milão: Raffaello Cortina editore, 2009.
- TROCOLI, Flávia. “Entre quedas e buracos”: a contingência, o não todo e o não idêntico na escrita de Ruth Klüger. *Trivium*, Ano II, Ed. II, 2º semestre de 2010, p. 460. Disponível em:



<https://pt.scribd.com/document/332267567/2-Entre-Quedas-Buracos-Contingencia-Nao-Todo-Nao-Identico-Escrita-de-Ruth-Kluger>, acesso em: 13/07/2020.

Recebido em 3 de agosto de 2020

Aprovado em 5 de agosto de 2020

**Anna Basevi** é italiana, graduada em Roma em literatura portuguesa com o professor Ettore Finazzi-Agrò. De 1995 a 2017, foi professora de italiano nos Institutos Italianos de Cultura de São Paulo e do Rio de Janeiro. Depois do mestrado, concluiu o doutorado em literatura italiana na Universidade Federal do Rio de Janeiro, com uma tese sobre “O estranho-estrangeiro em Primo Levi”. Publicou em revistas acadêmicas e, em ocasião do centenário do autor, publicou na revista italiana *Doppiozero*, dirigida por Marco Belpoliti, e passou a colaborar com o site do *Primo Levi center* de Nova York. Fez parte da comissão organizadora do I Colóquio Internacional “Mundos de Primo Levi”, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em setembro 2019, com os professores Renato Lessa, Rosana Kohl Bines e Andrea Lombardi. Foi pesquisadora com bolsa FAPERJ - nota 10 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, com projeto de aprofundamento e divulgação da obra de Primo Levi no Brasil, até agosto 2020. Contato: [annabasevi@hotmail.com](mailto:annabasevi@hotmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6635-1239>